**HISTÓRICO DA RAÇA CAMPOLINA**

|  |  |
| --- | --- |
| |  | | --- | | Uma antiga paixão que se renova a cada geração.  Em 1870, Cassiano Campolina, nascido em 10 de julho de 1836, ganhou a égua Medeia, já prenha de um Andaluz de D. Pedro II. Deste cruzamento nasceu o potro batizado Monarca. Esse é o início de uma história de sucesso e conquista: a formação da raça Campolina.  Cassiano tinha como principal objetivo formar cavalos de grande porte, ágeis, resistentes e de boa aparência. Para isso, selecionou e cruzou raças de cavalos como PSI, Anglo-Normando e Marchador conforme sua intuição e experiência.  Em 1904, após mais de 30 anos trabalhando firme em seu propósito, faleceu Cassiano Campolina. Mas, graças à dedicação e o empenho de seus amigos, a raça continuou a ser criada e aperfeiçoada. As famílias de Joaquim Pacheco de Resende e do Cel. Gabriel Andrade foram fundamentais nessa missão. Ao longo dos anos também podemos citar outros grandes nomes como Agenor Sampaio, Alfredo Manuel Fernandes, Américo de Oliveira, Américo Ferreira Leite, Antonio Lopes da Silva, Arnaldo Bezerra, Cel. Olinto Diniz, Ascanio Diniz, Emir Cadar, Epaminondas Cunha Melo, Fernando Diniz Oliveira, Geraldo Magela Resende, Guaracy Engel Vieira, Guido Pacheco Magalhães, Heitor Lambertucci, Jamil Saliba, José Eugenio Câmara Dutra, José Ferreira Leite, José Geraldo Areias, Leonardo Campos, Luiz Eduardo Cortez (DEADO), Lídio Araujo, Orminio de Almeida, Pedro Joaquim Carlos, Roberto Catelmo, Severino Veloso, Tonico Figueiredo, Valdemar Resende Urbano, Valério Resende, entre tantos outros.  Após aproximadamente 70 anos desenvolvendo a raça conforme as referências de cada criador, tornou-se necessário definir um padrão racial para que todos pudessem unir esforços e aperfeiçoar a raça conforme suas características oficiais. A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina foi fundada em 1951, com sede em Belo Horizonte. Hoje, todos os criadores da raça são responsáveis pela continuidade dessa história que ganha mais admiradores e se consolida a cada ano. | |
|  |
| |  |  | | --- | --- | | HHistória da Raça Campolina | | | * Origem do Cavalo Campolina | | | O Cavalo Campolina, tal como se apresenta hoje, se diferencia dos padrões iniciais devido ao Trabalho de Seleção dos Criadores que, muitas vezes recorreram à intuição mais que a Ciência, para a solução dos seus problemas.            As associações orientaram o aperfeiçoamento dos produtos, com o estabelecimento de padrões, e porque acreditamos no que foi feito é que aceitamos o convite do Sr. Presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina, para relatar as experiências feitas e comentar os resultados obtidos na criação do Cavalo Campolina, no seu núcleo inicial. Cassiano Antônio da Silva Campolina, natural de São Brás do Suaçuí, ex-distrito de Entre Rios de Minas, nasceu em 10 de Julho de 1.836.            Jovem ainda revelou gosto pelo cavalo; certamente influenciado pelas cavalhadas e disputas entre mouros e cristãos; usuais naquela época na Cidade de Queluz. Percebeu a existência de um mercado interno para animais de grande porte, em virtude da demanda para as disputas, para a montaria dos dragões da milícia real e para as parelhas de cavalos destinados à tração de tróleis na Cidade do Rio de Janeiro. | http://www.harastop.com.br/haras/imagens/aspen1.jpg Aspen Top | | Em 1.870, Antônio Cruz, seu amigo, presenteou-lhe com Medéia, égua nacional de bom tipo, cruzada com um cavalo Andaluz, presente de Dom Pedro II a Mariano Procópio; desta cruza nasceu um potro de boa linhagem, batizado com o nome de MONARCA. Monarca tornou-se o garanhão na Fazenda do Tanque, e com ele temos o marco inicial na formação da raça hoje denominada Campolina, em homenagem ao seu Criador.            O objetivo de Cassiano Campolina era formar cavalos de grande porte, ágeis, resistentes e de boa aparência para atender as exigências do mercado. Monarca padreou o plantel de Cassiano Campolina por muitos anos e de sua linhagem Andaluza sucederam Monarca II, Monarca III, Leviano, Predileto, Baiardo, Pope, Nobre e muitas fêmeas.            Campolina ainda fez cruzar suas éguas com Menelicke, cavalo de sangue Anglo-Normando, de porte desenvolvido e linhas bonitas; desta linhagem sucederam Bonaparte, Oder I e Oder II. Em 1.904 faleceu Cassiano Campolina. Seu trabalho de seleção, que já contava mais de 30 anos, poderia ter sido interrompido, não fora o interesse e o entusiasmo pelo Cavalo, que conseguira transmitir aos seus amigos.            Em testamento, passou para seu particular amigo, Joaquim Pacheco de Resende, a Fazenda do Tanque e todo o seu plantel de equídeos, condicionando ao pagamento de 250 contos de réis, que destinariam a construção de um Hospital de Caridade em Entre Rios de Minas, para cuja finalidade havia legado os seus bens em dinheiro. Comprada a Fazenda do Tanque, foi construído o hospital que se chama "CASSIANO CAMPOLINA", e vem prestando inestimáveis serviços a região, desde 1.910.            Como decorrência do negócio, Joaquim Pacheco de Resende, amigo dos mais ligados a Campolina, assumia não apenas a responsabilidade da transação, mas, principalmente, o compromisso de dar prosseguimento ao apaixonado trabalho de seleção de cavalos. Homem perspicaz, nosso avô Joaquim Pacheco de Resende, verificou que o tipo de animal que vinha sendo formado por Cassiano Campolina preenchia os requisitos de porte, robustez e vivacidade indispensáveis para as disputas e o transporte de carruagens, mas faltava-lhe o andamento cômodo, necessário ao seu aproveitamento para viagens e passeios.            As experiências principais de nosso avô consistiram em empregar um garanhão marchador e dois  puro sangues inglês, com estes últimos visando a um tipo mais delicado. O cavalo marchador foi Golias, adquirido do Coronel Gabriel Andrade, que o obteve de José Ferreira Leite, e os P.S.I. foram São Lourenço e Carlito. As experiências de Joaquim Pacheco de Resende não duraram muito, pois veio a falecer em 1.911, ficando seu filho mais velho, Joaquim Resende, nosso pai, com a responsabilidade maior de prosseguir o trabalho iniciado por Cassiano Campolina, do qual participaram ativamente seus irmãos Antônio, José e Newton. Joaquim Resende deu continuidade às experiências introduzidas por seu pai, conservando as fêmeas de boa linhagem, filhas de P.S.I. e usando como garanhões Monarca III e Baiardo, da linhagem Monarca, Caruso, Andaluz e Tupi. Da linhagem Golias, todos os marchadores.            Por volta de 1.920, decorridos 50 anos de trabalho, a seleção vinha sendo feita à base de sangue Andaluz, com choques de Anglo Normando, P.S.I. e Marchador. Joaquim Resende, que a esta altura usava principalmente Predileto, de linha Monarca, pode tirar duas conclusões importantes. PRIMEIRA: O Plantel não tinha comportamento uniforme quanto ao andar. Constatava-se a presença de animais marchadores, outros com andadura e uma parte com trote; as filhas de éguas de andadura cruzadas com P.S.I. eram trotonas. SEGUNDA: Uma parcela apresentava defeitos de exterior, especialmente exagero na convexidade da cabeça, inclinação da garupa e arreamento de quartelas. Baseado nisso, passou a orientar as coberturas de acordo com o tipo e o andamento. Adquiriu Farol, um Puro Sangue Inglês, de tipo muito bonito, destacando-se entre suas qualidades a perfeição da cabeça, da garupa e aprumos. Foi usado nas éguas de andadura e naquelas com defeitos de exterior. | |  |  |  | | --- | --- | | http://www.harastop.com.br/haras/imagens/ttrdsantarita.jpg TTRD de Santa Rita | As éguas marchadeiras ou trotonas, que não apresentavam aqueles defeitos, continuaram sendo cobertas com reprodutores da linhagem Monarca -Predileto, Baiardo, Pope e Nobre, marchadores. Todos os machos filhos de Farol P.S.I. foram eliminados, as fêmeas de boa linhagem conservadas. Em meados da década de 1.930, como a linhagem Monarca predominava a pelagem tordilha e havia uma manifesta preferência pelas pelagens baia e alazã, Joaquim Resende cuidou de adquirir um reprodutor baio alazão, puro marchador e de bom tipo, que foi o OTELO. Este reprodutor imprimiu a nova pelagem a 50% do plantel. Tudo o que foi feito até aqui levou 70 anos.            A raça Campolina vinha sendo formada graças ao interesse dos criadores,,, cada um orientando conforme suas preferências e interpretações. Tornava-se necessário disciplinar e definir um padrão para que todos os criadores convergissem os esforços para o objetivo comum - a raça Campolina. A essa altura, o número de interessados e estudiosos do assunto não era pequeno, coube a Doutor Paulo Rocha Lagoa, Doutor Claudino Pereira da Fonseca Neto e Doutor Edgard Bittencourt a iniciativa de organizar o registro genealógico, a cargo do Consórcio Profissional Cooperativo dos Criadores do Cavalo Campolina, com sede em Barbacena. | | O padrão estabelecido passou a ser o ponto de apoio dos criadores, todos se orientando no sentido de conduzir seus plantéis para as características oficializadas. Joaquim Resende reexaminou seu plantel e concluiu que devia cruzar algumas de suas éguas bem caracterizadas com um reprodutor, marchador excepcional, de bom tipo, especialmente cabeça e aprumos. Foi-lhe oferecido Rio Verde, de propriedade de seu particular amigo, Coronel Gabriel de Andrade, que por sua vez o adquiriu de José Carneiro.            A experiência foi feliz, pois da égua Predileta nasceu REX, notável raçador, de grande porte, extraordinário de marcha, que reforçou estas características no plantel. O consórcio, a essa altura, já não satisfazia a necessidade dos criadores, o que os levou, em 1.951, a fundar a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina, com sede em Belo Horizonte. Esta Associação reformulou os padrões estabelecidos pelo consórcio, o que foi bem aceito por todos; e consideramos ser esta uma etapa muito importante na formação de uma raça Campolina.            A Associação ainda manteve o registro aberto para machos e fêmeas. Em 1.954 faleceu Joaquim Resende, depois de 43 anos de permanente trabalho para a formação do Campolina. Com o seu falecimento, herdamos a responsabilidade que ele havia assumido de prosseguir a obra iniciada por Cassiano Campolina e nosso avô. Podemos informar que o cavalo Rex influiu de maneira marcante na fixação dos caracteres raciais do plantel. Posteriormente aplicamos o reprodutor Tejo, filho de uma bem caracterizada égua Campolina de Joaquim Resende, filha de Otelo.            O resultado foi também excelente; dele descendem Gás Prelúdio, Gás Montezuma, Gás Astro, Gás Rex II, Apolo de Santa Maria, Campeões em Exposições Estaduais ou Nacionais. Gás-Prelúdio, reprodutor em nossa fazenda durante muito tempo, Campeão Nacional de tipo e andamento, deixou uma descendência com a melhor caracterização de raça. Hoje temos no plantel dois netos de Gás Tejo, filhos de Gás Rex II, o famoso Gás Marujo, o grande campeão dos campeões, e também o famoso Gás Sucesso, campeão dos campeões na Gameleira Belo Horizonte e incontável número de excelentes matrizes. | |  |  |  | | --- | --- | | Coube-nos falar sobre o desenvolvimento da raça Campolina no seu núcleo inicial - Fazenda do Tanque. Em nossa exposição focalizamos a atuação daqueles que tiveram a responsabilidade direta na criação. Devemos lembrar que Cassiano Campolina, Joaquim Pacheco de Resende e Joaquim Resende eram bem relacionados e puderam contar com a Assessoria de estudiosos e entusiastas do cavalo, destacando-se entre estes colaboradores: Florentino Pereira, Doutor Claudino Pereira da Fonseca Neto, Doutor Paulo da Rocha Lagoa, Doutor José Rocha Lagoa, José Ferreira, Juca da Fazenda, Doutor Rômulo Joviano e outros.            A fazenda do Tanque não foi o único núcleo na formação da raça Campolina. Criadores de outras regiões também se interessaram pelo trabalho. Entre eles o Coronel Gabriel Andrade, em Passa Tempo, teve presença desde os primeiros tempos. Amigo de Cassiano Campolina, Joaquim Pacheco de Resende e Joaquim Resende, como criador e sempre manteve intercâmbio de reprodutores de ideias. Foi sucedido em seu trabalho pelos seus filhos, notadamente Bolívar de Andrade, que ainda hoje detém um dos bons plantéis da raça. | http://www.harastop.com.br/haras/imagens/sspa_de_santa_rita2.jpg SSPA de Santa Rita | | Podemos dizer que as Fazendas do Tanque, em Entre Rios, e Campo Grande, em Passa Tempo, constituíram os dois núcleos básicos para a formação da raça, mas muitos outros criadores tiveram atuação destacada neste trabalho e, entre eles devemos lembrar Américo de Oliveira, José Ferreira Leite, Coronel Linto Diniz, Ascânio Diniz, Pedro Joaquim Carlos, Américo Ferreira Leite, Valdemar Resende Urbano, Lídio Araújo, Epaminondas Cunha Melo, José Eugênio Dutra Câmara, João de Almeida, Ormínio Almeida, Tonico Figueiredo, Alfredo Manoel Fernandes, Agenor Sampaio, Emir Cadar, Osório Ferraz, José Geraldo Areias, Abelardo Bastos Mattos Júnior, Roberto Cantelmo, Severino Veloso, Arnaldo Bezerra, Guido Pacheco Magalhães, Valério Resende, Antônio Lopes da Silva, Heitor Lambertucci, Geraldo Magela de Rezende, Fernando Diniz Oliveira e tantos outros.            Com o decorrer dos anos cresceu o interesse pela criação do Campolina e com ele o mercado, a nossa Associação conta com a inscrição de centenas de criadores de Minas Gerais, e de outros Estados da Federação, e com expressivo número de animais registrados. Nesse relato, procuramos deixar claro que a raça Campolina vem sendo formada, desde o início, por tentativas, visando atingir um padrão que, somente depois de 70 anos de experiências foi definido e oficializado.            A nosso ver, toda tentativa foi válida; o grande mérito que atribuímos aos formadores do Campolina foi o de terem sabido interpretar os resultados das experiências, dando aproveitamento apenas aos produtos que mais se aproximavam do padrão pretendido. Mas, nem sempre o produto aproveitado transmitia seus caracteres e tinha que ser eliminado. Formar um verdadeiro reprodutor é trabalho penoso e demanda tempo.            Estamos com mais de um século de experiências para a formação da raça Campolina e sabemos que ainda há muito que fazer, mas não podemos esconder o nosso orgulho pelo que está feito: Um cavalo de grande porte, delicado, vivo, inteligente, forte e marchador - O CAVALO CAMPOLINA. A raça está submetida a um padrão por associação oficial idônea, e o registro para machos, a partir de 31/12/1966 passou a ser feito em livro fechado.            Hoje a raça Campolina está muito evoluída, a sua padronização é marcante, visível aos olhos de todos, que observam nas pistas de exposição os animais apresentados.   *Palestra proferida pelo Senhor Gastão Ribeiro de Oliveira Resende, na abertura da III Convenção Nacional do Cavalo Campolina - Belo Horizonte - Setembro de 1.978 - Extraído da Revista: O Cavalo Campolina, ano 1, n.º 1, Abril de 1.979*   * Uma História que ainda não foi contada            Esta raça é um justo orgulho do criador mineiro e principalmente do seu organizador e padronizador, o saudoso hipólogo Coronel Cassiano Campolina, da cidade de Entre Rios, neste Estado. É uma raça há muito definida, pois conta mais de 80 anos de existência.            Em 1.857, o Senhor Cassiano Campolina, apreciador de bons animais de sela, começou comprando as melhores éguas existentes no município de Entre Rios, e cruzando-as com reprodutores também do mesmo município; esses, no entanto, eram escolhidos, altos, bons marcheiros e de linhas harmoniosas. Tanto os reprodutores como as éguas, eram crioulos, e assim sem uma definida característica de raça. Por muito tempo criou ele esse tipo comum de cavalo; no entanto já selecionado em altura e linhas gerais, pois o seu conhecimento e descortínio via nisto um grande passo para uma futura e pretensa formação de raça.            Ao cabo de poucos anos tinha, pois em sua Fazenda já um notável plantel de éguas novas, altas, marcheiras e de linhas muito melhoradas. Acontece que nessa ocasião e por obra do destino, quase sempre caprichoso, teve Cassiano Campolina, necessidade de ir à cidade de Juiz de Fora. Nesta cidade, travou conhecimento com um fazendeiro daquela zona e morador na cidade; creio que, salvo o engano, era o Senhor Coronel Manoel Vidal Barbosa Lage.            Este era como aquele, apaixonado e entusiasta, pela criação de cavalos. Como "um gambá cheira outro", diz o velho provérbio popular, tornaram-se muito amigos. Regressando de Entre Rios, trouxe como presente que lhe fez esse amigo, uma égua preta. Esse animal era um belo espécime e vinha padreada por um belíssimo Andaluza de Puro Sangue.            Como em tudo a sorte é grande fator para se vencer na vida, Cassiano foi bafejado por essa fortuna, pois poucos meses depois nascia um belo potrilho, filho desta aludida égua. Esta foi, a "pedra de toque" do cavalo Campolina. Assim pois, em 1860, mais ou menos, Cassiano foi presenteado em Juiz de Fora com uma égua e no mesmo ano nascia, em sua Fazenda do Tanque, um belíssimo potrilho preto, enriquecendo e aumentando a raça equínea mineira. Este foi criado na cocheira, com cuidado especial e trato farto e substancioso. Ainda com este trato e com o especial carinho que seu dono prodigalizava-lhe, chegou à idade adulta, com beleza invulgar, andares notáveis e linhas perfeitíssimas.            Era esse animal assim, um meio sangue autêntico de Andaluz. Daí por diante muito mais fácil se tornou a melhoria crescente do cavalo mineiro, pois, um lastro de sangue novo, puro e de força, fora inoculado na raça. Pelo espaço de 25 anos, serviu aquele potrilho criado com tanto carinho, como reprodutor do plantel de éguas do Senhor Cassiano Campolina. É o famoso "Monarca", que todos quanto apreciam e acompanham o desenvolver da raça eqüina mineira, conheceram ou tiveram conhecimento tradicional.            Falando-se em "Monarca", era o mesmo que falar no que havia de melhor em Minas, como reprodutor equino. Ao fim de 25 anos, com a morte de Monarca, Cassiano, que já era força potencial em prosperidade financeira, oriunda da criação de cavalos, com maiores conhecimentos, resolveu cruzar suas éguas com um puro "Percheron". Isso, no entanto, muito veio prejudicar e atrasar a sua já notável criação.            A experiência deu-lhe cavalos caneludos, patas enormes, tipo abrutalhado e ruim de sela. Notou logo esse péssimo resultado de sua experiência e muito contribuiu para esse fracasso, o seu pouco conhecimento em raças estrangeiras. No entanto, inteligente e conhecedor do assunto, desprezou logo aquela cruza, indo buscar nos filhos de Monarca, seu ex-ídolo, espalhados por toda Minas Gerais, seus novos reprodutores.            Afinal a morte veio colher este grande e inconfundível vulto de hipólogo, já velho, mas orgulhoso da sua já afamadíssima criação de cavalos "C.C.". Essas duas singelas, mas significativas letras, eram as inicias com que carimbava os seus bons produtos eqüinos. Como só vendia para reprodução, animais selecionados, reputava-os muito bem e daí, o povo dar uma designação diferente à marca com que eram carimbados esses animais, traduzindo aquelas duas letras iguais, pelas palavras simbólicas: "CUSTA CARO".            Apesar de tudo consumir o tempo, esse batismo popular ainda perdura, resistindo galhardamente à ação destruidora do tempo, e ainda é comum ouvirmos nossos patrícios dizerem com ufania ao se referirem ao cavalo C.C.: CUSTA CARO. Eis aí, em rápidos traços, a história da criação do Cavalo Campolina. É ainda um dos melhores produtos mineiros, a criação dos cavalos desta raça.            É hoje continuador desta obra, mantendo gloriosa a raça Campolina, o Senhor Coronel Joaquim Rezende, de Entre Rios (Minas Gerais). É como o seu antecessor, grande entusiasta da criação de animais, além de conhecedor profundo da matéria. Esse simpático e esforçado continuador da obra gigantesca de Cassiano Campolina tem procurado manter a raça e até tentado melhorá-la experimentando novas cruzas e revigoramento com novos lastros. | |  |  |  | | --- | --- | | Ainda, ultimamente, introduziu na eguada, um belo reprodutor, que segundo informado, tem ainda sua origem no Manga-larga, outra raça mineira definida, de que tratarei em outras notas ligeiras a publicar. Só o tempo nos dirá da oportunidade desta cruza. No meu modesto modo de entender e apesar de ver em Joaquim Rezende um ótimo e oportuno continuador da obra de uma vida, qual de Cassiano Campolina, acho que era ao Governo Mineiro que competia, pelos seus postos de monta, padronizar e conservar esta raça.            Ela deveria ser considerada de utilidade pública. O Governo gasta tanto dinheiro nesses serviços e na importação de raças inferiores à Campolina, porque não entra em acordo com Joaquim Rezende, comprando-lhe toda a criação equina e bem assim a sua fazenda que está a venda? Assim poderia fazer da raça Campolina um padrão seguro e certo. Ninguém melhor do que o Governo do Estado poderia tomar essa iniciativa. Com descortínio, seriedade e parcimônia, estou certo e convencido, seria uma fonte de renda. Tudo depende, no entanto, da racionalização do serviço. | http://www.harastop.com.br/haras/imagens/extra_top2.jpg Extra Top | | É uma raça de cavalos de sela que precisa ser conhecida fora de nossas fronteiras. É coisa ainda não explorada e afirmo que não há em parte alguma do mundo cavalo de sela igual ao Campolina ou ao Manga-larga, ou ainda, ao cavalo cria de Gabriel de Andrade; raças estas, todas definidas e genuinamente mineiras. Uma propaganda eficiente, julgo, daria ótimos resultados. Aí fica uma modesta e despretensiosa opinião para ser estudada.   *José Gabriel Ferreira Netto, Belo Horizonte, 10 de Março de 1.938 - Extraído da Revista: O Cavalo Campolina, ano 1, n.º 1, Abril de 1.979* | | | [http://www.harastop.com.br/haras/imagens/setaesq.gif](javascript:history.back(true)) | [http://www.harastop.com.br/haras/imagens/setacima.gif](http://www.harastop.com.br/haras/historia.htm#cima) | |